

PETRÔNIO E SÁTIRA LATINA

Profa. Dra. Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO

Petrônio, autor latino do século I de nossa era, destacou-se como árbitro da elegância (*elegantiae arbiter*) na corte de Nero. Contudo foi envolvido em uma conspiração e acabou recebendo ordem de suicídio do *Princeps*. A obra que nos chegou, embora fragmentada, *Satyricon*, apresenta as principais características da sátira menipéia original, a mistura de prosa e verso, e a ausência de tom moralizante. Mas não se limitada a isso. A sátira amplia-se em toda a extensão da obra, especialmente por utilizar a temática do romance grego de aventuras e costumes para também satirizá-lo. Assim vemos de forma dura e sarcástica os maiores vícios da época de Nero, sem, contudo, notarmos nessa apresentação uma tentativa, por menor que fosse, de moralizar essa sociedade, oferecendo ao leitor a oportunidade de rir de seus próprios contemporâneos.

Palavras-chave: 1. Sátira menipéia; 2. Petrônio, *Satyricon* 3. Romance grego.

Para falarmos de Petrônio e sua obra *Satyricon*, precisamos primeiramente entender um pouco da época em que viveu e escreveu o autor. Portanto, iniciaremos nossa exposição falando sobre a época, depois sobre o autor, logo após sobre as obras que influenciaram sua composição e, finalmente, faremos uma breve análise da obra.

Petrônio viveu no principado romano, cujo primeiro *Princeps* foi Augusto. Ele viveu até 14 de nossa era e seu período foi de grande importância tanto literária como política. Inaugurou o Império Romano ou Principado. Período em que, apesar de o Senado continuar a existir e todas as outras magistraturas, a última palavra era sempre do *Princeps*, que detinha um amplo poder nas esferas militar e civil. Augusto morreu sem herdeiros diretos. Antes de sua morte, adotou Tibério, filho de sua esposa de um primeiro casamento. Tibério torna-se, com isso, imperador e inaugura a chamada dinastia Júlio-Cláudia, como representante da família dos Júlios e dos Cláudios. Ele foi um governante laborioso, estudioso e amante do povo, mas era distante e sofria com o medo da ameaça do Senado, pois sabia que eles esperavam um novo Augusto que ele jamais conseguiria ser. Sua mania de perseguição era tão forte que fez com que se afastasse de Roma e fosse viver seus últimos anos em uma casa de campo. Governou de 14 a 37 d.C.

Quando Tibério morreu, também sem herdeiros, o jovem Calígula, da família de Augusto, é aclamado imperador. Ele mostra-se um governante despótico e esbanjador, por isso era amado pelo povo, mas odiado por quem realmente o conhecia. Aparentemente sofria de distúrbio mental e foi morto pela guarda pretoriana no ano de 41. Como não tivesse um herdeiro designado, a guarda pretoriana coloca no poder seu tio Cláudio. Tímido, feio, erudito e pouco prático em política, era, contudo, um homem honesto, que foi manejado pelas suas mulheres. A primeira esposa, Messalina, o traía e tentou unir-se aos seus inimigos para dar-lhe um golpe. Sua intenção foi descoberta e ela foi morta. A segunda mulher, Agripina, era pior que a primeira. Quando se casou, já tinha um filho do primeiro casamento, Nero. Ela queria o poder e pretendia obtê-lo através do filho. Entrega o filho para ser educado por Sêneca, o maior filósofo da época e grande político, e Afrânio Burro, chefe da guarda pretoriana, que pretendiam fazer dele um novo Augusto. Nero é adotado por Cláudio, que é assassinado por Agripina em 54. Nero torna-se imperador e, por um curto período, parece exercer o poder de forma justa, mas sua maldade predomina e para não sofrer influência da mãe, mata-a. Torna-se poeta e cantor, atua no circo e é criticado por todos. Depois que Afrânio Burro morre envenenado, Sêneca retira-se do cenário político, contra a vontade do imperador, que espera o momento oportuno para se vingar. Acontece uma conspiração encabeçada por Pisão, em 65, e Sêneca é envolvido. Mesmo sem provas contra ele, Nero ordena que ele se suicide. Além de Sêneca outros tiveram o mesmo destino: Lucano, Rufio Crispino e Caio Petrônio. O descontentamento torna-se cada vez mais acentuado, até que, depois de uma revolta nas províncias, os guardas pretorianos apertam o cerco contra o imperador e Nero suicida-se em 68. Encerra-se com sua morte a dinastia Júlio-Cláudia.

Na época de Nero, viveu um autor significativo da literatura latina: Petrônio. Chamado de *Petronius Arbiter*, foi íntimo de Nero. Era considerado por este como o árbitro do bom gosto, por isso cai na inveja de Tigelino, favorito do imperador. Ele suborna um dos escravos de Petrônio para dizer que ele era amigo de Scevino, acusado de traição com Pisão. Nero estava na Campânia, quando soube do acontecido. Petrônio que o acompanhava recebeu ordens de ficar em Cumes e suicidar-se. Ele abre as veias.

Petrônio deixou um testamento que dizem ser um relato de sua época e dos desmandos do imperador. Deixou-nos também, se bem que de autoria contestada, o *Satiricon*, também chamado de *Satirae* ou *Saturae* ou *Satiriconlibri* ou ainda *Satyricon*, escrito em latim e grego. Da obra restam

fragmentos que demonstram beleza artística e uma reconstrução da vida particular de Roma no tempo do autor.

O *Satyricon* é um romance de aventuras narradas por Eucólpio, perseguido pelo deus Príapo. Seus companheiros são moços pervertidos, mulheres corruptas, ricas damas, criadas astuciosas, um bizarro velho que gosta de poesia. O lugar da narração é Crotone, na Itália meridional. O ambiente de origem grega remete à corte de Nero com sua atmosfera luxuriosa. O episódio central é a *Cena Trimalchionis*. O livro mostra uma imagem realista e completa, material e psicológica de seu tempo.

Os modelos para a obra foram as *fabulaemilesiae* do helenista Aristides de Mileto que Cornélio de Sisena leva para Roma, as *satiraemenippeae*, mistura de prosa e verso que Varrão imita do filósofo grego Menipo e ainda os romances de aventuras e de costumes gregos. A narração do *Satyricon*, contudo, é original. Petrônio faz um romance, pelas inúmeras aventuras e invenção artística com uma unidade que somente os modernos conseguem ver. Seu conteúdo revela um pensamento transparente através do ridículo dos contrastes e do humorismo das situações. Ele não deforma a realidade, mostra homens comuns, não tipos, com uma linguagem apropriada para cada situação. Utiliza a paródia das expressões épicas e não se preocupa com a correção gramatical, por isso demonstra a profunda e contínua decadência de seu tempo em seus personagens irrequietos. Não transmite nenhum ensinamento filosófico ou moral.

A obra de Petrônio possui muito da sátira menipéia. Segundo Quintiliano a sátira é uma criação dos romanos. Desde os primórdios de Roma, existiam os cultos às divindades, especialmente, às agrícolas. Ceres, deusa das sementes, figurava entre os deuses mais cultuados. A ela era oferecida uma bandeja com os primeiros frutos colhidos, chamada *Satura Lanx*, bandeja das primícias. Lembrando a panspermia dos cultos gregos.

Assim se chamava a bandeja, pois Ceres era a divindade da sementeira que no latim é *satio*. Do mesmo radical temos o adjetivo *satur* (cheio, satisfeito), mantendo o u do nome *satura*, e o advérbio *satis* (bastante, muito, suficiente), com o -i original.

No século IV a.C., houve uma grande peste em Roma, que fez com que os governantes em 364 a.C. importassem da Etrúria os *ludiones* ou *histriones* que eram dançarinos, chamados para acalmar os deuses através das danças e gracejos indecorosos.

A peste cessou e, por isso, no culto a Ceres os romanos adotaram essas danças nas chamadas *fescenninalicentia*, pois Fescênia era uma cidade etrusca. Essas danças continham um elemento satírico muito forte, através do exagero do ridículo, com paródias, trocadilhos, miscelânea de assuntos ou mesmo através de recursos formais, que gerou a sátira, inicialmente, mistura de prosa e verso.

Então vemos que a sátira liga-se à comédia, não ao drama satírico. Este mistura grotesco e sério. Configura-se uma tragédia sem tensão, descontraída, mantendo a mesma temática, mas com malícia.

Assim nasce a sátira que vai se constituir como gênero literário bem mais tarde. Podendo apresentar-se de duas formas. Uma moralizante, com a pretensão de reformar o mundo e melhorar o ser social, que tem como autores representativos Horácio, Fedro, Pércio, Marcial e Juvenal. E outra que tenciona provocar o riso, através da gozação, da ironia. Mostrando a raiva provocada por falsos valores e pela hipocrisia. Utiliza-se para tanto da paródia, da caricatura, da careta, da macaquice, chegando até mesmo ao grotesco e, às vezes, melancólico, através de um humor destrutivo. O exemplo desse gênero é a *Satura Menippeae* (sátira menipéia), que recebeu o nome por influência de Menipo, filósofo cínico do século III a.C. cuja obra perdeu-se. Ele desprezava as convenções sociais e as riquezas, obedecendo apenas as leis da natureza. Em Roma, encontramos autores importantes que compõem sátiras menipéias como Varrão, Sêneca, Petrônio e Apuleio.

Petrônio utilizatambém o romance grego para a construção do *Satyricon*. O romance de aventuras e de costumes iniciava-se com um casal de jovens que se conheciam e apaixonavam-se. Uma série de episódios causais, contudo, separam o casal que percorrem o mundo para voltarem a se encontrar no final da narrativa, como se nunca tivessem se separado. A narrativa encerra-se normalmente com a união do casal que sela um final feliz.

Mostramos em linhas bem gerais as principais características da sátira menipéia e do romance de aventuras. Veremos, a partir de agora, como nosso autor utiliza-as em sua composição.

Como um exemplar da sátira, encontramos no *Satyricon* a mistura de elementos formais, ou seja, prosa e verso:

Sedne me putes improbasse schediumLucilianaehumilitatis, quod sentio, et ipse carmine effingam:

"Artisseuerae si quis ambiteffectus
mentemquemagnisapplicat, prius mores
frugalitatis lege poliatexacta.(IV-V)

Mas para que não julgues que eu reprove os versos improvisados de condição humilde de Lucílio, eu próprio expressarei em poema o que sinto:

“Se alguém, a uma arte severa aspira
e a grandes coisas aplica o espírito, antes
lime os costumes de moderação com lei exata.” (IV-V)

Observamos também o uso de aspectos da tradição épica, oratória e lírica de forma satírica:

"Rogo, inquit, Agamemnon mihi carissime, numquid duodecimaerumnas Herculistenes, aut de Vlixee fabulam, quemadmodum illi Cyclops pollicem poricino extorsit? Solebam haec ego puer apud Homerum legere. Nam Sibyllam quidem Cumis ego ipse oculis meis in ampullam pendere, et cum illi pueridicerent: "Sibilla, ti thelis?", respondebat illa: "apothaninthelo". (XLVIII)

“Peço, diga-me, caríssimo Agamenon, recordas-te dos doze trabalhos de Hércules ou da lenda de Ulisses, e de como o Ciclope torceu-lhe o polegar com uma pinça? Costumava, eu, criança, ler estas coisas em Homero! De fato, a Sibila, em Cumas, eu mesmo a vi com os meus olhos pender dentro de uma garrafa. E como as crianças lhe perguntassem: “Sibila, que queres?” ela respondia: “Quero morrer”.”

Nesse excerto, percebemos vários elementos da tradição épica grega e romana, como os nomes de personagens da *Ilíada*, da *Odisseia* da *Eneida*, Agamenon, Ulisses e Sibila, e do próprio autor épico Homero, porém com uma narração completamente diversa e mesmo depreciativa dessas figuras, mostrando a sátira menipeia em toda sua plenitude.

Também vemos a sátira de outros discursos, como o discurso histórico, no trecho seguinte:

Cum Ilium captum est, Hannibal, homo ueritatis magnus steli, omnes statuas aeneas et aureas et argenteas in unum rogi congessit et eas incendit; factae sunt in unum aera miscellanea. Ita ex hac massa fabris sustulerunt et fecerunt catilla et paropsides et statuncula. Sic Corintheanatasunt, ex omnibus in unum, nec hoc nec illud. (L)

Quando Tróia foi tomada, Aníbal, homem trapaceiro e grande enganador, empilhou todas as estátuas de bronze, de ouro e de prata, em uma pira, e queimou-as. A fusão de todos esses metais foi feita em um único. Assim desta liga os artífices se utilizaram e fabricaram bacias, pratos e estatuetas. Assim nasceu o bronze de Corinto, (composto) de todos (metais) em um único, (sem ser) nem este, nem aquele.

Com essa narrativa, vemos a sátira tanto o discurso histórico, com a mistura de períodos, a guerra de Tróia no século XII a.C. e Aníbal, das guerras púnicas, no século II a.C., como do discurso científico, com a tentativa de explicar, sem nenhuma veracidade, a origem do bronze de Corinto.

Petrônio também faz uma sátira cruel aos costumes da sociedade romana do seu tempo, como vemos no próximo trecho da *Cena Trimalchionis*:

Nec tamen in triclinio ullum uero facere quod se iuuat, et medicum uero continere. Vel si quid plus uenit, omnia foras parata sunt: aqua, lasaniet cetera minuta. Credite mihi, anathymiasissi in cerebrum it, et in toto corpore flutum facit. Multos scioperiisse, dum nolunt sibi uerum dicere." (XLVII)

E ainda, aqui no triclinio, não proíbo fazer qualquer coisa que se queira e os médicos vetam conter-se. E se vier alguma necessidade maior, lá fora todas as coisas estão preparadas: a água, cadeiras furadas e tudo o mais. Acreditei em mim: se os gases vão para o cérebro, fazem tempestade em todo o corpo. Sei que muitas pessoas morreram, porque não quiseram dizer a verdade.

A ceia de Trimalchão é uma demonstração de fartura e riqueza, mas com um exagero próprio da paródia. A comida servida, a dança, a música e os discursos apresentam os abusos da sociedade romana quando o tema era mostrar poder e riqueza, mas sem nenhum senso de bom gosto ou sobriedade. O linguajar usado pelo autor satiriza a falta de educação dos novos ricos.

Poderíamos usar vários outros exemplos de sátira, mas passaremos a algumas características utilizadas por Petrônio a partir do romance grego. Como vimos, há sempre uma jovem e um rapaz que formam um casal apaixonado no romance. No *Satyricon* temos um trio de homens apaixonados. Encólpio divide os amores do jovem Gitão com seu amigo Ascilto.

Hanc tam praecipitem diuisionem libido faciebat; iam dudum enim amoliricupiebam custodem molestum, ut ueterem cum Gitone orationem reducerem. < . . . > (X)

A paixão provocava a tão apressada separação; de fato, já havia bastante tempo que desejava a ocasião para afastar o importuno, porque restauraria a antiga situação com meu Gitão.

Aqui percebemos o aspecto satírico, pois o casal não é propriamente um casal, mas um trio homossexual e que não vive muito bem com a divisão dos amores de Gitão. Também não são, à semelhança dos jovens gregos, inocentes e ingênuos.

Ainda assim, encontramos outros elementos do romance grego presentes no *Satyricon*. Os acontecimentos são regidos pelo acaso, como vemos nos seguintes trechos:

O lusum fortuna mirabilem! Nam adhuc nesuturæ quidem attulerat rusticus curiosas manus, sed tanquam mendicis polium etiam fastidiosè venditabat. (XIII)

Oh! Admirável zombaria da fortuna! De fato o camponês até agora certamente não trouxera as mãos curiosas contracostru, mas vendia (a túnica) como o espólio de um mendigo, até com repugnância!

Após roubarem uma grande quantidade de moedas, Ascilto e Encópio decidem costurá-las na bainha de uma túnica. Contudo, numa fuga, o manto cai e eles se ressentem da perda, mas quando vão ao mercado encontram o manto com um camponês, que não havia percebido a presença das moedas, e vende a túnica por um valor irrisório. Assim, em diversas outras ocasiões, percebemos a influência da fortuna para o desenrolar dos acontecimentos, inclusive as viagens a que os personagens são submetidos. Vivendo, como no romance de aventuras e de costumes em um tempo próprio da narrativa, conhecendo culturas e pessoas, mas apresentadas sempre satiricamente através do um olhar exagerado da paródia.

O tempo e o lugar da narrativa dariam um novo artigo, certamente. Mas pararemos por aqui. Vemos em *Satyricon*, um belo exemplar de sátira menipéica que não só traz todos os elementos desta, sem nenhuma conotação moralizante, como ainda os une às principais características do romance de aventuras e de costumes para mais uma vez satirizá-los.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAYET, Jean. *Literatura latina*. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1985.
- ERNOUT, Alfred et MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1987.
- KENNEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. *História de la literatura clásica* (Cambridge University). v. II. Literatura Latina. Madrid: Editorial Gredos S.A., /s.d./.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PETRONIUS ARBITER. *Le Satyricon*. Texte établi et Traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1923.
- ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. 3ª.ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.